

Projeto de Pesquisa – Iniciação Científica

Nome do Aluno: Gabriel Zani Morato

Nome do Professor: Naercio Aquino Menezes Filho

Tema: Origem das diferenças educacionais entre brancos e negros no Brasil

Palavras-Chave: raças, educação, diferenças, Brasil

1 – Descrição do Problema:

Esse projeto de pesquisa visa estudar as diferenças educacionais entre brancos e negros no Brasil, usando uma base de dados longitudinal da cidade de Pelotas, que acompanha as mesmas pessoas desde o seu nascimento em 1993 até 2011.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” Mandela et al. (2003). Sabe-se que a educação gera impacto em todas as áreas da sociedade, inclusive econômica e social. Tais impactos podem ser negativos ou positivos, dependendo de como projetos educacionais são tratados. Exemplo importante disso é a correlação negativa entre educação e violência. Estudos mostram que a cada 1% de investimento em educação, 0,1% do índice de criminalidade é reduzido (Becker, 2012). A atuação pública pode reduzir os níveis de criminalidade no longo prazo usando-se investimentos diretos em educação.

Segundo Hasenbalg e Silva (1990), o ritmo acelerado de crescimento da segunda metade do século passado, mudou toda a estrutura social do Brasil. Porém, um número crescente de estudos mostra que quem não é branco continua em desvantagem com relação aos brancos (Arretche, 2015). Desvantagens essas que contemplam dados como: mortalidade

infantil, expectativa de vida (já ao nascer), oportunidades de mobilidade social, participação no mercado de trabalho e distribuição de renda.

O Brasil é notório pela sua alta desigualdade social e baixo desempenho em termos educacionais (Menezes Filho & Kirschbaum, 2015). Recentemente, houve um consenso nas teses de que um dos principais fatores que afetam o mercado de trabalho e a questão da desigualdade de renda é a educação. Não só sua “quantidade de educação”, podendo ser traduzida em número de alunos matriculados, mas também sua qualidade, como medida em índices de desempenho. Sendo assim, é possível concluir que as políticas educacionais têm relação direta à desigualdade no país (Reis & Barros, 1990).

No caso brasileiro, o enfoque governamental não tem priorizado a qualidade do ensino, mas sim a quantidade de alunos presentes. Assim, apesar da escolaridade média dos alunos estar crescendo em número de anos, a qualidade da educação continua bastante baixa no Brasil (CPP, 2013). Segundo Ribeiro e Schlegel (2015) entre os formandos em cursos superiores em 1960, cerca de 95% eram brancos e 5% não brancos (contendo além de negros, outras minorias como amarelos e indígenas). Já em 2010⁹ número de formandos foi para 75% brancos e 25% não brancos. Porém, apesar do avanço, muito ainda precisa ser feito.

Até pouco tempo atrás, sobretudo no século XX, as políticas públicas no Brasil foram pautadas no desenvolvimento econômico, sem se atentarem a questões sociais (Kerstenetzky, 2008). Porém, em tempos recentes foi surgindo maior consciência e que a desigualdade não poderia ser aceita, pois levava a consequências econômicas e também a questões sociais (Barros & Henriques & Mendonça, 2000; Kerstenetzky, 2000). Com essa ideia em mente, a educação foi identificada como prioritária no combate à desigualdade (Reis, 2000).

Durante vários anos a relação entre educação e distribuição de renda foi discutida. Um pioneiro nesse estudo foi Kuznets (1955), que constatou uma relação de formato U-invertido

entre esses dois fatores. Para ele, o processo de desenvolvimento privilegia os que tem maior nível de escolaridade, devido a sua alta demanda e oferta geralmente limitada em países mais pobres. Assim há um aumento no salário dos mais educados, gerando uma desigualdade com relação aos que têm menos estudo. Porém, um segundo processo é esperado, em que a desigualdade é reduzida quando a maior parte dos trabalhadores ganhar escolaridade, já o aumento nos diferenciais de salários passa a ser maior do que os investimentos necessários em educação para um número crescente de famílias. O que também pode ser observado pelo próprio mercado, que demanda cada vez mais trabalhadores mais escolarizados. (Menezes Filho & Kirschbaum, 2015).

Apesar de ainda existirem pesquisadores que acreditem numa superioridade branca, como James Watson (prêmio Nobel de medicina em 1962), que em 2007 deu uma declaração ao jornal inglês *The Sunday Times* afirmando que os negros seriam menos inteligentes que os brancos. Ele afirmou que testes negavam uma igualdade intelectual entre raças. Entretanto, naquele mesmo ano, o psicólogo americano Richard Nisbett (2007) mostrou que são vários os fatores que afetam o desenvolvimento intelectual de uma pessoa, e a raça não é um deles.

Assim, por um ponto de vista estritamente biológico, brancos e negros não deveriam apresentar grandes divergências no desenvolvimento da vida escolar. Porém essas diferenças existem. Pesquisas sociológicas até o final do século passado negligenciaram critérios como dimensão racial e seus efeitos na distribuição de oportunidades educacionais entre diferentes grupos da população. As pesquisas até então feitas não tinham conseguido relacionar raça ou cor como determinantes na escolaridade (Brandão, 1982). Segundo Hasenbalg e Silva (1990), os estudos eram feitos como se o Brasil tivesse uma população racialmente homogênea, o que sabemos que não é verdade. Houve uma miscigenação de raças entre os portugueses, indígenas e africanos, principalmente (Freyre, 1933). Uma prova disso é a população brasileira ser composta por 45,5% brancos e 53,6% negros (IBGE, 2014).

Com o final do século XX, temas como mobilidade social e preconceito racial ficaram mais evidentes e passaram a ser mais discutidos. A literatura sociológica deste período tenta trazer mais entendimento ao papel desempenhado pela educação na questão de mobilidade social com quesitos raciais. Estes estudos apontam para duas tendências: negros possuem níveis de escolaridade menores que os de brancos (tendo mesma origem social) e que os retornos dessa escolaridade tendem a ser menores para os negros (Hasenbalg e Silva, 1988). Um estudo a respeito do número de analfabetos nos anos de 2004 e 2008 na região metropolitana de São Paulo mostrou que a diferença entre a porcentagem de brancos e negros analfabetos continua se mantendo, apesar do número de analfabetos apresentar tendências decrescentes (SEADE, 2009).

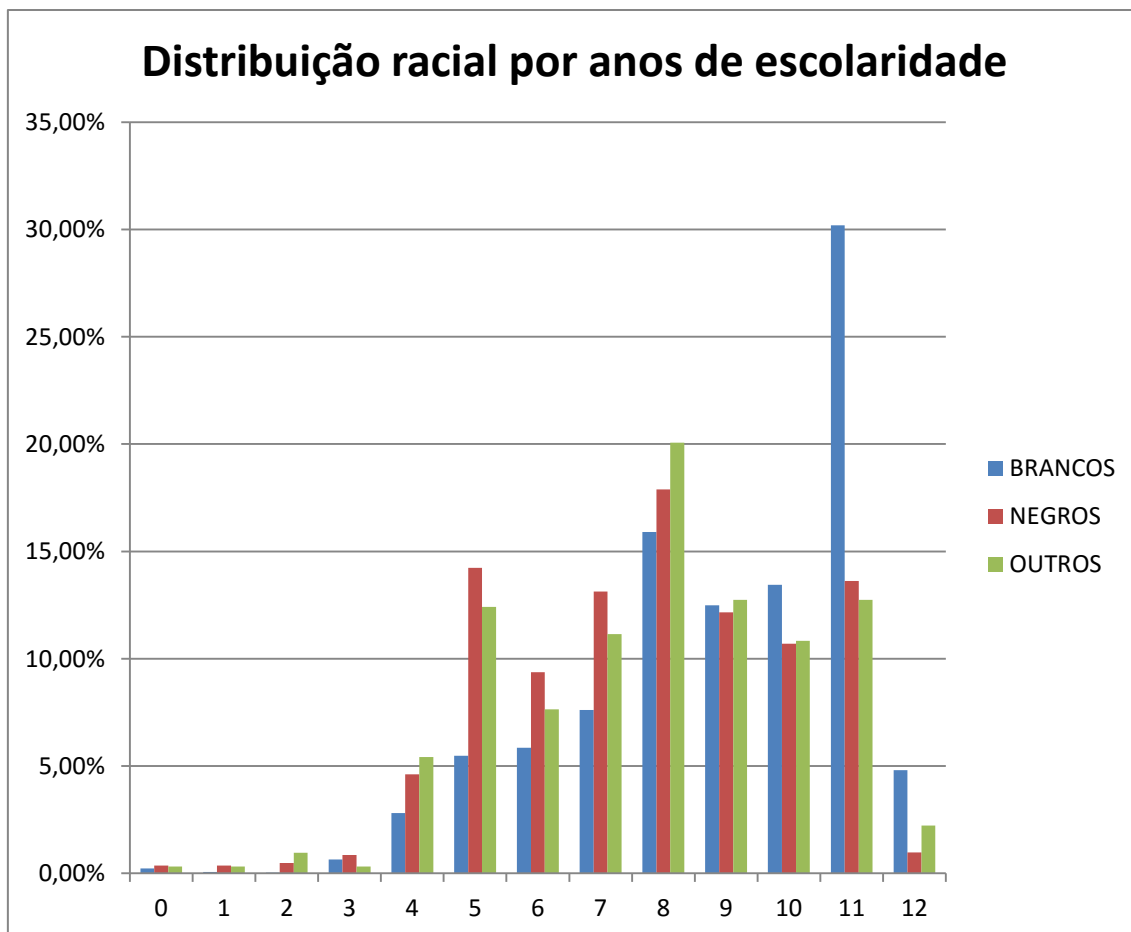
A literatura internacional sobre esse assunto também é bastante rica. Heckman, Pinto & Savelyev (2013), por exemplo, examinam os mecanismos usados em fases iniciais da vida e seus impactos na vida adulta. Trata-se do programa pré-escolar Perry. Utilizando também uma pesquisa longitudinal, esta desenvolvida em uma pré-escola, eles afirmam que o ambiente infantil impacta substancialmente no desenvolvimento posterior dos alunos. Através de suas ações, foi constatado que os alunos tiveram um aumento em seu QI, mas que esse aumento não foi duradouro. Já o caráter desenvolvido foi mantido. Este caráter levou a impactos em áreas como: educação, casamento, desemprego, saúde e criminalidade. Este estudo nos permite identificar o efeito do tratamento sobre habilidades avaliadas e seus resultados em adultos, mas ele não permite identificar diretamente o efeito causal de aumentos em habilidades medidas nos resultados. O programa de estudo de Perry atuou em aspectos imensuráveis também, tornando seus resultados não válidos sem outras premissas. Por isso há a necessidade de suposições exógenas válidas para medir os resultados alcançados.

Fryer Jr., R. & Levitt, S. (2004) estudam a diferença nas notas entre brancos e negros nos dois primeiros anos de escola. Uma comparação simples mostra que negros geralmente

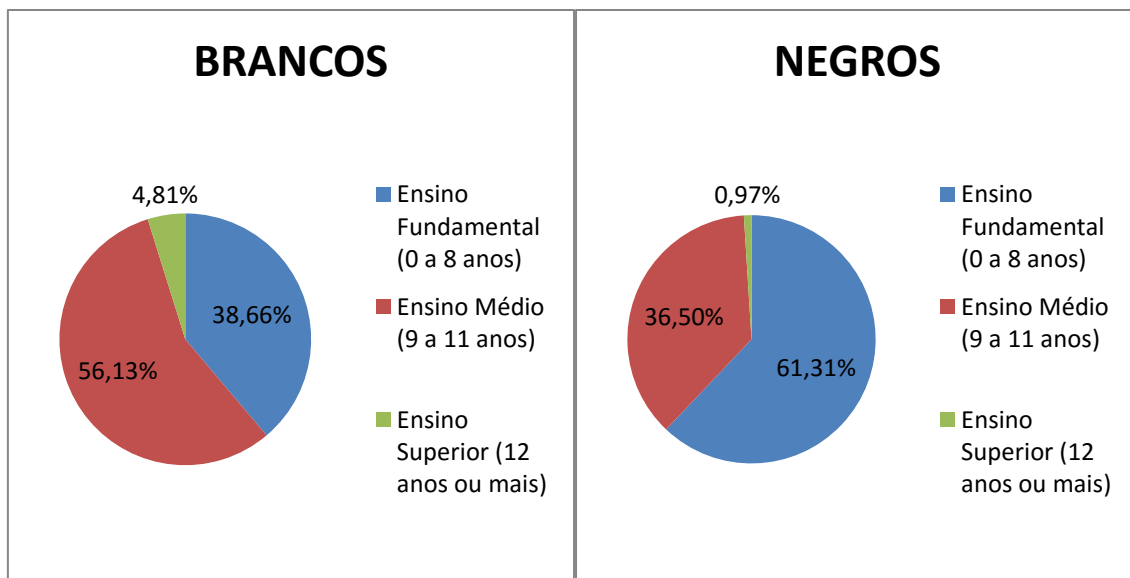
têm notas menores que brancos em testes padronizados. Basicamente, a política pública deveria ser focada na fonte subjacente à lacuna. O desenvolvimento infantil está muito correlacionado às condições em sua casa e família, além de habilidades individuais. Em um primeiro momento, um status socioeconômico menor e um número menor de livros por criança em cada casa já podem levar a uma diferenciação. Em sua pesquisa, Fryer Jr., R. & Levitt, S. (2004) encontraram que as crianças negras na amostra estavam crescendo sob circunstâncias que contribuíam menos para um desenvolvimento escolar satisfatório do que crianças brancas. Tais quais, fatores socioeconômicos.

Esse projeto será feito com base no estudo longitudinal feito na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, com todos os nascidos vivos no ano de 1993 e suas mães. Essa base de dados apresenta questionários com os entrevistados nos anos de 1993; 1994; 2004 e 2011. Vale notar que Pelotas é uma região que representa bem as condições encontradas em todo o território nacional. Serão utilizadas também outras fontes de pesquisa como livros e sites. Gráficos e tabelas utilizados neste projeto foram geradas através desta pesquisa.

Nessa base de dados, podemos identificar três categorias raciais: brancos, negros e outros. Brancos e negros são maioria expressiva, além do objeto de estudo. A divisão foi feita a partir da cor dos pais, sendo que: se o recém-nascido tivesse ambos os pais brancos, seria considerado branco; se tivesse um dos pais ou ambos os pais negros, seria negro; se tivesse um dos pais ou ambos os pais de outra raça, seria outros. A categoria “outros” contempla amarelos, indígenas e outras minorias. O gráfico 1 apresenta a distribuição de anos de escolaridade por raça.



O gráfico 2 ilustra a diferença de colocação dos negros, focando em sua porcentagem dentro de cada grupo racial. Podemos notar que os negros têm sua maioria na faixa que contempla o ensino fundamental. Já os brancos têm sua maioria no ensino médio. Outro detalhe importante é a fatia de alunos ingressantes no ensino superior. A fatia dos negros chega a ser inexpressiva se comparada ao total de sua população.



2 – Objetivos:

Este estudo tem como objetivo trazer luz à discussão sobre a origem da diferenciação entre brancos e negros em sua formação escolar desde o ensino fundamental, passando pelo ensino médio até o momento de possível ingresso no ensino superior. Examinaremos se eventualmente existe uma única etapa onde essa diferenciação racial se destaca ou se ela ocorre em várias etapas de maneira gradual.

Nos gráficos apresentados anteriormente vimos as diferenças das populações em cada faixa de educação. Por que essa diferença existe? Onde ela se origina? Quais suas causas? O objetivo deste estudo é responder a estas perguntas.

3 – Metodologia:

Como já mencionado anteriormente, será utilizado o estudo longitudinal de Pelotas, que é uma amostra representativa do Brasil com crianças nascidas no ano de 1993 na cidade Pelotas no estado do Rio Grande do Sul. As informações a respeito destas crianças foram

colhidas ao longo de suas vidas através de questionários em datas específicas. A amostra total foi perdendo representantes ao longo de eventuais problemas distintos à condução do estudo.

Existem modelos em que consistem em uma única variável dependente para uma (ou mais) variáveis explicativas. Porém nesses modelos, o destaque é a estimação do valor médio da variável dependente, condicionado aos valores das variáveis explicativas (regressores). No caso deste estudo, uma relação unidirecional não faz muito sentido. A explicação é que a variável resposta é determinada por um grupo de variáveis explicativas e algumas dessas são endógenas e determinadas pela variável resposta. A solução vem de agrupar um conjunto de variáveis que possam ser determinadas simultaneamente pelo conjunto restante de variáveis pelo método das equações simultâneas. Teremos, assim, que estimar os parâmetros de uma equação levando em conta as informações proporcionadas pelas demais equações.

Nesse trabalho, pretendemos utilizar a metodologia apresentada por Oxaca (1973), que define uma variável para estudar a diferença salarial entre homens e mulheres. Teoricamente, apesar de grupos diferentes, o princípio de estudo é o mesmo: diferenciação entre dois grupos com características distintas. Para explicar o desenvolvimento estudantil com relação à raça, devemos também levar em conta uma série de outras características que influenciam no processo escolar. Neste processo, se fosse utilizada somente uma equação condicionando uma diferença no processo estudantil com diferenças raciais, não chegaríamos a qualquer conclusão útil, somente que ela existe. Por outro lado, utilizando equações simultâneas para brancos e não brancos separadamente, podemos ter indivíduos de características similares que obtiveram resultados acadêmicos diferentes e assim tentar entender o porquê dessa diferença. Não esquecendo que certa condição de equilíbrio seria a igualdade entre ambos os indivíduos, mesmo sem levar em conta a raça.

Com relação ao principal objeto de estudo, a raça, esta será uma dummy nas regressões para que possam ser estudados os efeitos binários da presença, ou não, da

característica racial. Isto é, ser branco ou negro (genericamente, não branco). Aspectos que influenciam e são influenciados pela raça também devem ser levados em consideração para resultados mais próximos da realidade. Outras variáveis explicativas também serão testadas posteriormente para determinação de suas relevâncias.

Dado que o objeto de estudo é a origem da diferenciação escolar, este estudo aponta uma direção onde os alunos seriam bastante influenciáveis para resultados que só seriam percebidos no futuro. Para tal fato são utilizadas regressões econométricas e variáveis exógenas mensuráveis como suposições válidas.

4 – Resultados Esperados:

A relevância deste estudo se dá no fato de afetar diversas áreas da sociedade, sendo as mais importantes delas: a vida das pessoas e o desenvolvimento da sociedade. O resultado esperado é a descoberta de como diminuir as diferenças naturais entre pessoas (como raça) e incluir critérios mais justos (como mérito). Não obstante, pretende-se observar como a variação da escolaridade pode explicar possíveis variações em todo o contexto que engloba uma sociedade.

CALENDÁRIO DE ESTUDOS E ATIVIDADES (2016/2017)		JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
ETAPA	OBJETIVO												
1	Revisão bibliográfica												
2	Definição de variáveis relevantes e especificação do modelo												
3	Estudo dos modelos e sistema de análise de dados econométricos												
4	Estimação das regreções												
5	Análise dos resultados												
6	Redação final do estudo												

5 – Referências:

BARROS, R. P.& HENRIQUES, R.& MENDONÇA, R. **Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 2000.

BECKER, K. L. **Uma análise econômica da relação entre a educação e a violência**. ESALQ/USP, tese de doutorado. 2012.

BRANDÃO, Z. **O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil (1971-1981)**. IUPERJ/INEP. 1982.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Global Editora. 1933.

FRYER Jr., R. & LEVITT, S. **Understanding the black-white test score gap in the first two years of school**. The review of economics and statistics. 2004.

HASENBALG, C & SILVA, N. V. **Estrutura social, mobilidade e raça**. São Paulo/Rio de Janeiro. Vértice/IUPERJ. 1988.

HASENBALG, C & SILVA, N. V. **Raça e oportunidades educacionais no Brasil**. Cad. Pesq., São Paulo (73). 1990.

HECKMAN, J. & PINTO, R. & Savelyev, P. **Understanding the mechanisms through which an influential early childhood program boosted adult outcomes**. American economic review. 2013.

Centro de Políticas Públicas (CPP). **Panorama educacional no Brasil**. 2014. Acessado em 12/04/2016. Disponível: <http://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2015/04/Panorama-Educacional-Brasileiro-2014-versao09-04-15.pdf>

IPEA. **Gastos com política social: alavanca para o crescimento com distribuição de renda**. Comunicado n 75. 2010.

KERSTENETZKY, C. L. **Desigualdade e pobreza: lições de Sen.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. 2000.

KERSTENETZKY, C. L. **Redistribuição e desenvolvimento? A economia política do programa bolsa família.** Revista Dados. 2008.

KUZNETZ, S. **Economic Growth and Income Inequality.** American Economic Review. 1995.

MANDELA, N. **Lighting your way to a better future.** Discurso no lançamento da Mindset network . 2003. Acessado em 05/04/2016. Disponível:

http://db.nelsonmandela.org/speeches/pub_view.asp?pg=item&ItemID=NMS909&txtstr=education%20is%20the%20most%20powerful

MENEZES Filho, N. & KIRSCHBAUM, C. “Educação e desigualdade no Brasil” in Arretche (org).

Trajetórias das desigualdades: Como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. Parte II, cap. 4. Editora Unesp. 2015.

NISBETT, R. **All brains are the same color.** The New York Times. 2007.

OECD. **Educational Indicators in Focus number 9.** 2012.

OXACA, R. **Male-female wage differentials in urban markets.** International economic review, Volume 14, Issue 3 (1973). JSTOR. 2003.

RIBEIRO, C. C. & SCHLEGEL, R. “Estratificação da educação superior no Brasil” in Arretche (org).

Trajetórias das desigualdades: Como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. Parte II, cap. 5. Editora Unesp. 2015.

REIS, E. P. **Percepções da elite sobre pobreza e desigualdade.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. 2000.

REIS, J. G. A.; BARROS, R. P. **Desigualdade salarial e distribuição de educação: a evolução das diferenças regionais no Brasil.** Pesquisa e Planejamento Econômico. 1990.